



URBAN COWBOYS

de

Pawel Ziemilski

caderno redigido

por

Teresa Garcia e Luís Alves de Matos

QUESTÕES DE CINEMA04-08

ANÁLISE DE UM FOTOGRAMA 09

ANÁLISE DE UM PLANO10-11

Urban Cowboys

Realização: Pawel Ziemilski

(2016) 30 min. Polónia
(documentário)

QUESTÕES DE CINEMA



O som e a música

O filme começa ainda a negro com o ruído dos cascos do cavalo anunciando o tema principal do filme. No primeiro plano vemos um jovem montado num cavalo, a exibi-lo ao longo de um caminho num espaço urbano. Ouve-se o som já no asfalto, onde os cavalos circulam pelas estradas no meio do trânsito.

O tema musical de que sobressaem tambores e instrumentos de percussão, tem um ritmo que cria desde logo uma tensão no início do filme, mas que se transforma em algo alegre e emocional

Dylan, o personagem principal, é-nos apresentado a correr pelo campo, e o eco das vozes dos jovens no terreno baldio misturam-se com os sons quase silenciosos dos cavalos que galopam na terra (o que contrasta com a sonoridade dos cascos nas estradas e no trânsito urbano). Temos agora o som do vento, dos corvos, das vozes dos rapazes, e ao longe o ruído de fundo da cidade, contígua a estes prados.

O tema musical regressa um pouco antes do plano seleccionado para análise do fotograma (19'40'') em que eles partem para uma viagem onírica e no final do filme, quando Dylan solta Shelly para a deixar regressar à sua manada.

A cidade e o campo

Dylan, 14 anos, vive num bairro periférico, nos arredores de uma pequena cidade irlandesa, próximo de campos baldios e bosques onde vivem em manada cavalos selvagens.



É hábito dos jovens destes bairros, capturarem e domesticarem alguns desses cavalos, para seu proveito, divertimento ou utilização, como forma de se ocuparem (e por vezes de escaparem às tentações que o mundo da droga e do crime lhes pode trazer).

Dylan procura realizar o sonho de ter um cavalo seu, cuja escolha está feita, Shelley, um cavalo branco que ele vai tentar apanhar e conquistar. Para isso precisa da ajuda dos outros rapazes que colaboram com ele construindo armadilhas.



Quando consegue apanhar o cavalo que desejava, Dylan passa a viver mais nesse espaço aberto, onde pode desfrutar e partilhar com o seu novo companheiro.



O cavalo e o rapaz

A ligação entre o rapaz e o cavalo é por um lado física, os corpos encaixam um no outro e correm pelos campos num movimento de harmonia e liberdade.



Mas é também uma porta para a aventura, em que o sonho e a fantasia estão presentes no imaginário dos filmes e de cada criança ou jovem.

O rapaz procura domar o cavalo numa tentativa de fuga para outra realidade e este apesar de ser um animal selvagem deixa-se conduzir para esse universo.



Ter e ser

A relação que Dylan estabelece com Shelley, que é agora seu, tem um lado de afecto e amizade, percorrem juntos os espaços vastos da natureza e do ar livre, da liberdade e da aventura.

Por outro lado, o olhar vazio de uma tristeza profunda de Dylan, não se desvanece e revela-se através de uma inadaptação para conviver e cuidar deste animal, uma relação que por vezes se torna violenta, quase cruel.



As entrevistas como um coro: o pai, o amigo, um dos responsáveis pelos cavalos

Com uma presença assumida no filme, um documentário, o realizador convoca algumas pessoas ligadas á personagem de Dylan, que vão irrompendo pela história que está a ser contada, falam sobre ele (da sua realidade) e sobre a sua relação tensa com o cavalo de que se apropriou.

Junto à fotografia de uma mulher jovem sobre uma pequena mesa ao seu lado, um homem, (o pai?) conta que após a morte da mãe (e foi ele a encontrá-la morta) Dylan ficou perturbado e perdido e como forma de superar o vazio que sentia procurou apropriar-se de um cavalo e transformá-lo no seu grande amigo.



Um amigo conta que a mãe de Dylan se chamava Michèlle e que ele deu à sua égua o nome de Shelly, mas Dylan conta uma outra história para o nome que deu ao seu animal.

É com o relato destas pessoas (reais) que nos damos conta que o filme não fala de uma história inventada mas sim de uma história real, e que esta história não é única e repete-se naqueles bairros carenciados junto aos campos baldios, onde os cavalos podem ser vistos e apanhados, por aqueles que preferem a aventura e apaixonar-se por um cavalo (que vão dominar) a cair nas malhas da droga e do dinheiro fácil.

a terra, a água, o ar, a luz, fazem parte da matéria do filme



A terra é o espaço por onde andam os protagonistas deste filme: os cavalos vivem livres em grupo pelos campos e também os jovens urbanos que resgatam esses cavalos. Os jovens e esses animais, os cavalos, que se tornam no contacto com eles quase domésticos.

Dylan lava Shelley fazendo-a mergulhar no rio e esfregando-lhe depois a crina e o dorso como se se tratasse de uma cerimónia, de uma comunhão íntima: uma espécie de iniciação para a sua relação futura com o animal.



O céu quase sempre carregado de nuvens dá-nos por um lado uma visão plena sobre a natureza e os seus vastos espaços, mas por outro representa uma ameaça que anuncia as relações perigosas que se vão estabelecendo entre os rapazes e os cavalos.

A luz é sempre difusa durante o dia, raramente com a presença do sol.

Nas sequências nocturnas, prevalece o tom amarelado que exprime uma certa melancolia de Dylan, e da frágil relação entre este e o seu poltro, ora próxima e apaixonada. ora distante como se se dirigissem para um lugar desconhecido, sombrio e sem saída.



A câmara é um personagem?

A câmara á mão acompanha de perto Dylan em toda a sua busca pelo cavalo e depois na sua relação com ele. Esse movimento constantemente instável revela também o mal estar interior de Dylan, que por vezes se confronta directamente com ela. Permanentemente angustiado Dylan não sabe muito bem para onde vai, nem o que deseja fazer com a sua jovem égua, a não ser o desejo de partir com ela para um novo mundo de aventuras e de afecto.

O que se esconde / o que se mostra

Dylan tenta esconder a sua incapacidade de se ocupar da jovem égua que lhe é tão essencial para se sentir vivo e amado. Abraça-a e beija-a de noite de forma quase excessiva e imperiosa. Esconde dos outros os seus sentimentos receando que transpareça o vazio que a sua mãe ao morrer deixou dentro dele, e esconde que deu à égua um nome que o faz pensar nela.

Zanga-se com o realizador quando este o interpela sobre a sua forma de cuidar do animal e desculpa-se, inventa, acaba por ir embora.

Os outros interlocutores que no filme revelam a situação de Dylan falam também sobre si próprios e escondem muito provavelmente que para além da relação forte e afectuosa que estabelecem com estes animais selvagens, existem não raro outros propósitos menos nobres e por vezes violentos, com os belos cavalos de que se apropriam, e sobre os quais descarregam muitas vezes as suas frustrações e o seu desânimo perante o que a vida lhes oferece. (como é o caso de Dylan).

Crescer

De forma a não se sentir mal consigo próprio por não conseguir cuidar das verdadeiras necessidades da sua Shelley e apesar do conflito interno com que se confronta, Dylan leva finalmente a égua ao fim do dia, quase noite, ao campo baldio de onde a apanhou e deixa-a partir com os outros cavalos.

Os momentos de hesitação quer dele quer da própria égua são substituídos pelos gritos de Dylan que a espanta para que ela parta e o deixe. Vemos uma égua adulta aproximar-se do poltro (seria a sua mãe?)

Dylan prefere finalmente ver a sua égua livre e entre os seus, do que a fazer sofrer com a sua incontrolável angústia que rapidamente se transforma em agressividade.

Será este gesto, de devolver Shelley á liberdade, uma forma de se libertar do imenso vazio que o aprisiona e de reencontrar a sua própria liberdade?

ANÁLISE DE UM FOTOGRAMA



A personagem

Dylan está em primeiro plano agachado de perfil num campo baldio rodeado de plantas silvestres.

Vemos o seu rosto a três quartos olhando fixamente para algo que não vemos á esquerda do enquadramento. Tem um olhar profundamente triste e vago. O corpo está ligeiramente curvado como se suportasse um peso. A mochila que traz ás costas realça essa carga que pesa sobre ele.

A luz

É fim de dia. Uma mancha negra parece instalar-se no espaço onde se encontra Dylan. Ao fundo, atrás dele, sentimos a presença da cidade. O horizonte desfocado, mais ao fundo ainda, acentua a presença de uma formação de colinas e de nuvens sombrias. Vemos duas figuras difusas ao longe que parecem vir na sua direcção.

O mistério

Dylan, a presença forte deste enquadramento cujo rosto iluminado se destaca e nos prende, parece suspenso num mistério que ainda não nos foi revelado. Mostra uma solidão inexpugnável. Um olhar espectral, todo o seu drama espelhado nos seus grandes olhos de um vazio imenso.

ANÁLISE DE UM PLANO

Como num conto de fadas

Dylan galopa em total sintonia com Shelley por um vasto prado junto a uma área residencial embrenhando-se depois numa floresta como num conto de fadas.



As árvores muito altas e exuberantes estendem-se até ao céu e a cor verde do prado reforçam um ambiente idílico, mágico, onde a aventura e domínio sobre o seu cavalo atingem um momento quase sublime e onírico.

A luz é clara, quase mágica, apesar do céu escuro um pouco ameaçador. O cavalo branco destaca-se pela sua luz própria e leveza numa viagem irreal com o seu príncipe por espaços infinitos.



Este momento é acompanhado do tema musical com que o filme começa e com que acaba, estabelecendo de certa maneira uma distância entre a vida real deste rapaz - por vezes dificilmente suportável – e revelando um universo livre e carregado de sonhos e experiências novas como reflexo dos seus anseios ao conquistar estes animais (ao invés de entrar no mundo das drogas e do crime).



Teresa Garcia
Luís Alves de Matos
Os Filhos de Lumière

**SHORTCUT É UM PROGRAMA EUROPEU QUE REUNE QUATRO PAÍSES,
EM TORNO DA EDUCAÇÃO PARA O CINEMA.
OS FILHOS DE LUMIÈRE – UM DOS PARCEIROS DESTE CONSÓRCIO
É O COORDENADOR EM PORTUGAL**

Shortcut (Histórias Curtas, Grandes Questões) é um programa Europeu de educação para o cinema promovido pela *Fundacja Centrum Edukacji Obywatelskie* (Polónia) que se centra na elaboração de uma metodologia e ferramentas para o trabalho dos professores e educadores, centrada no filme de curta metragem como objecto artístico e mote para a educação dos jovens para a cidadania, direitos humanos, inclusão social.

Este programa foi um dos projectos seleccionados em 2018 para receber o apoio da Europa Criativa/ Programa MEDIA da União Europeia, no quadro do seu apelo a candidaturas para a educação cinematográfica e tem como principal objectivo:

- Fazer uma escolha (e aquisição de direitos) para uma **colecção de filmes** de curta-metragem acessíveis no âmbito deste programa pedagógico.
- Criar e desenvolver cadernos e materiais pedagógicos de apoio.
- Implementar o programa nas escolas nos 4 países através de modelos de formação de professores (com diferentes durações).
- Apoiar a criação de residências de cineastas em escolas seleccionadas para experimentar, desenvolver, e aprofundar a metodologia, em situações concretas com os professores e alunos.
- Criar eventos nacionais de aprendizagem e *networking*.
- Desenvolver e participar em encontros de cooperação e de reflexão entre parceiros e actores da transmissão do cinema na Europa.

Os Filhos de Lumière, entidade responsável pela estratégia e desenvolvimento de Shortcut em Portugal, insere-se numa rede constituída por 4 parceiros de 4 países diferentes – Polónia (através da *Fundacja Centrum Edukacji Obywatelskie* e da *Filmoteka Akcja*), Irlanda do Norte (através de *Nerve Centre*) e República Checa (através da ONG *Člověk v Tísni Ops/ People in Need*).

Criada no ano 2000 por um grupo de cineastas, Os Filhos de Lumière, é uma associação cultural vocacionada para a sensibilização ao cinema enquanto forma de expressão artística, que desenvolve, em colaboração com parceiros nacionais e internacionais, actividades em todo o país, que visam levar a uma apreciação, compreensão e reflexão crítica sobre as obras que resultam da prática da arte cinematográfica.

Integra projectos internacionais e europeus com os quais partilha a convicção de que o conhecimento decorrente da experimentação é o mais rico e profundo, privilegiando-se uma abordagem prática, numa aliança entre a análise da linguagem e matéria cinematográfica e o gesto de criação. Estes programas dirigidos em particular a crianças e jovens, mas também a adultos, juntam realizadores, professores, crianças, jovens, escolas, espaços culturais.

Os Filhos de Lumière - associação cultural - Rua das Gaivotas, nº2 - 1200 - 202 Lisboa (Portugal)
tel: (+351) 210 150 885 / (+351) 213 460 164 tm/mobilephone: (+351) 916 859 933 / (+351) 913 480 397
filhos.lumiere@gmail.com

[www.osfilhosdelumiere.com](http://osfilhosdelumiere.com) - <http://osfilhosdelumiere.blogspot.com/>
<https://www.cined.eu/pt> - <https://shortcut.osfilhosdelumiere.com/>